

CEDI - P. I. B.
DATA 23. 06 86
COD. AWD 10

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ÁREA DE ANTROPOLOGIA)
CAIXA POSTAL 8105
01000 — SÃO PAULO, BRASIL

BERTA G. RIBEIRO

*foto Beto e Tony,
com vista de cõp-
sancia e medidas
em '85. Berta.*

ARAWETÉ:
A INDIA VESTIDA

SÃO PAULO

1983

SEPARATA DO VOLUME XXVI.

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Vol. 26

1983

ARTIGOS

ARAWETÉ: A ÍNDIA VESTIDA

Berta G. Ribeiro

(Museu Nacional, Rio de Janeiro)

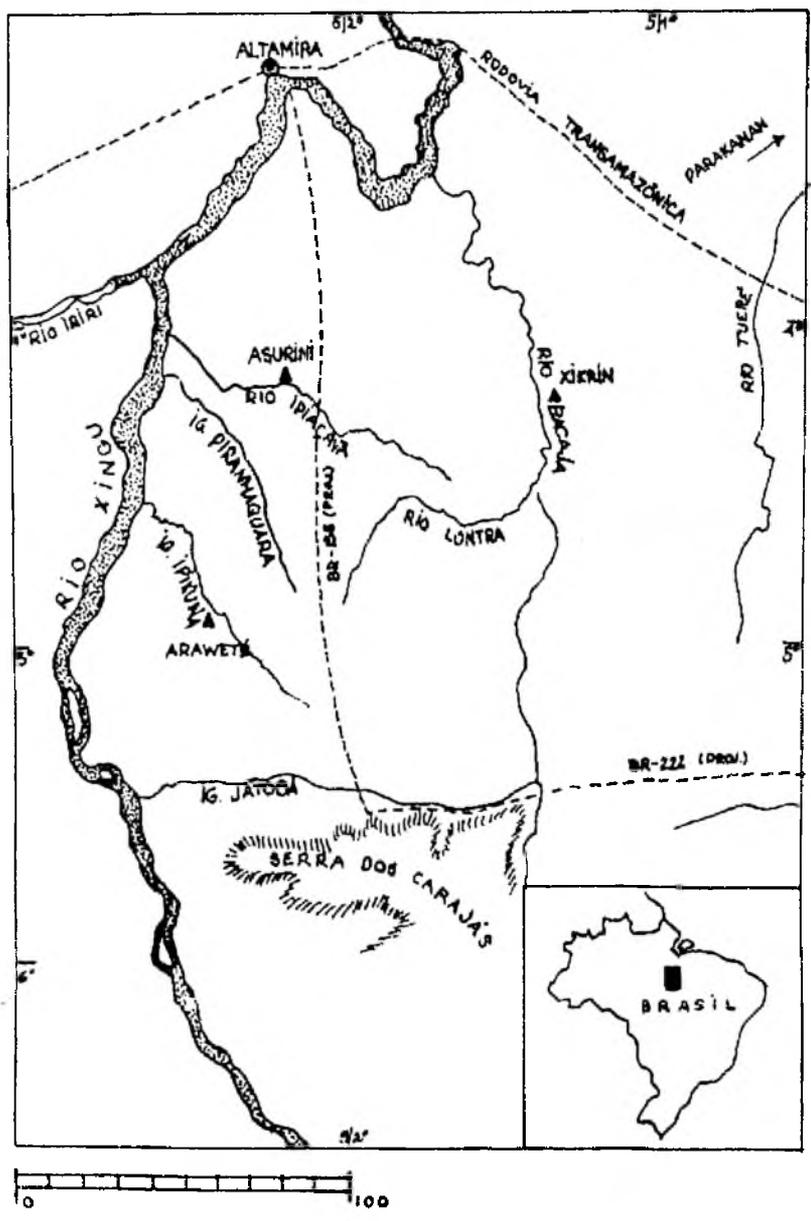
HISTÓRICO DO CONTATO

Na década de 70 inicia-se a ocupação de uma área escassamente povoada à margem direita do médio Xingu (V. mapa). Essa região era tradicionalmente o *habitat* de grupos caracterizados por Curt Nimuendaju¹ como tupi impuros (Jurúna, Xipáia, Kuruaia), pelos Takunyapé, certamente tupi, e os Arara, provavelmente karib. Os dois primeiros, excelentes canoeiros, habitavam ao longo dos grandes rios. Os demais, no interior da floresta (*op. cit.* 213/4). Dos grupos mencionados, os Jurúna, reduzidos em número, deslocaram-se para o Manitsauá-missu, afluente do Xingu, acima da cachoeira von Martius, atual Parque Nacional do Xingu, no começo do século. Os Takunyapé são dados como extintos desde fins

(*) — O presente artigo, bem como o publicado anteriormente, sobre os Asurini (*loc. cit.*) é parte do estudo *Arte têxteis indígenas do Brasil*. A pesquisa entre os Araweté teve lugar em maio/junho de 1981. Foi financiada pelo *National Geographic Society* e a Fundação Nacional pró-Memória (SPHAN). O trabalho de gabinete, ainda em curso, é auspiciado pelo Conselho Nacional de Pesquisas Científicas (CNPq), de que sou bolsista, e pelo projeto "Etnografia e emprego social da tecnologia indígena e popular" (Museu Nacional/FINEP), de que sou consultora.

As fotos que ilustram este artigo foram feitas pelo Dr. Frederico F. Ribeiro.

SUL DO PARÁ



Localização da aldeia Araweté (Ig. Ipixuna). Redesenhado de Arnaud, 1978.

do século passado (id.: 223). Dos Kuruaia e Xipáia há poucos remanescentes vivendo em contato direto com a população de Altamira e arredores². Os Arara estão sendo neste momento atraídos pela FUNAI.

Além dessas tribos, Nimuendaju menciona os Arupai, há muito tempo extintos, isto é, "... antes de um contato direto com civilizados" (1948:224) e os Asuriní. Estes, segundo o mesmo autor, defenderam tenazmente seu território, impedindo a penetração de seringueiros, até que foram atingidos pela expansão dos Gorotire-Kayapó que, por volta de 1936, lhes inflingiram amarga derrota. Grande foi o número de adornos e flechas asuriní encontrados entre estes últimos, quando de sua pacificação naquele ano. (1948:225).

Nenhuma notícia é dada por Nimuendaju da tribo atualmente conhecida como Araweté, também grupo tupi, chamado Ararawa pelos Asuriní, contactado pela FUNAI em 1973³. Esse primeiro contato se deu em novembro desse ano no Alto Ipixuna, acima do local da antiga aldeia asuriní. A turma de atração da FUNAI se fazia acompanhar de um índio Akuawa-Asuriní e outro Suruí. Nenhum dos intérpretes conseguiu entender-se com os Araweté (12 homens, uma mulher e uma criança)⁴.

No ano seguinte, 1974, a FUNAI abre um Posto de Atração sob a chefia de Raimundo Alves. É situado no local da antiga aldeia asuriní, designada por estes *Dzawara kupiona* (onça com mancha preta na barriga — informação do índio asuriní, Takamuin). Os funcionários da FUNAI encontram vestígios da mesma na forma de pilastras da antiga casa comunal. Aí abrem uma grande roça de arroz, mandioca, milho, mamão e outras árvores frutíferas, e muita banana. Por isso o local passou a ser chamado pelos Araweté, Banana'ti. Em 1975, incorpora-se à turma de atração o atendente de enfermagem Antonio Lisboa de Freitas Dutra que continua no mesmo posto até hoje.

Antes do contato com as turmas de atração da FUNAI, os Araweté já se relacionavam com seringueiros e gateiros, cujo "patrão", Cícero Maia, mandava que lhes dessem presentes de ferramentas, a fim de não perturbarem seu trabalho. No entanto, nem sempre os contatos com regionais foram amistosos. No levantamento feito das causas da mortalidade entre os Araweté, registrou-se um óbito causado por conflitos com brancos⁵.

Em 1976, João Carvalho é designado intérprete junto aos Araweté. Ele foi quem lhes atribuiu essa designação, talvez por ouvi-los pronunciar esse etnônimo em relação aos Asuriní. Na verdade, "awí heté" (inimigo verdadeiro), segundo E. Viveiros de Castro⁶. A Carvalho se deve um diário manuscrito⁷ que registra sua atividade durante o período que per-

maneceu entre esses índios e que, ao lado de informação verbal, constitui a principal fonte do trabalho de Expedito Arnaud.

Ao chegar ao beiradão do Xingu, a 29/8/76, Carvalho encontra um magote de índios acampados em frente à casa do Sr. Antenor, no local conhecido como "Furo do Tamanduá". Ao que parece, trata-se do grupo que desceu do Xingu após um ataque dos Parakafã à sua antiga aldeia, nas proximidades das nascentes do Ipixuna. Abandonada esta, constroem uma nova junto ao igarapé Jatobá, a cerca de duas horas de motor do Xingu. Essa decisão deveu-se, aparentemente, à necessidade de aprovisionarem-se de produtos de roça, o que efetivamente fizeram, primeiro na casa do Sr. Edilson (cerca de 5 tarefas), onde João Carvalho encontrou palha de milho em abundância e, em seguida, na de Antenor. Nas proximidades desse local, Carvalho encontra cerca de 50 índios que se mostraram muito cordiais, recusando-se, contudo, levá-lo ao acampamento. Notou que estavam "bastante gripados, magros e famintos" (Diário 1º/6/76). No dia 2 de junho dá-se o episódio da primeira aplicação de injeção num índio. Já então estes admitiam a entrada dos expedicionários no seu acampamento, recebendo não só assistência médica como ajuda para a preparação da farinha de mandioca colhida na roça de Antenor. O primeiro diário de João Carvalho encerra-se no dia 6 de junho.

Por informação verbal de Antonio Lisboa F. Dutra, soubemos que Raimundo Alves decide conduzir os índios que estavam no beiradão ao Posto de Atração, para melhor assistí-los. Alves, chefe da turma de atração, já havia conseguido trazer dois índios a esse local, Iapidu e Ararirã'dnó, que contaram aos outros haver ali roça farta e que todos receberiam ferramentas. Segue com Raimundo Alves um número não determinado de índios numa caminhada que dura 22 dias, varando a mata. Na verdade, só conseguiram acompanhá-lo os que se encontravam em melhores condições de saúde. Os demais vieram vindo atrás, seguindo o rastro, tendo morrido muitos pelo caminho. A 27/7/76 chegam ao Posto velho Raimundo Alves e Assis, acompanhados de apenas 27 índios. (Inf. de Antônio Lisboa).

No seu segundo diário, João Carvalho registra o encontro de 16 cadáveres de adultos e uma criança, no dia 17/11/76. No dia seguinte, encontra "... 15 ossadas de adultos, sem contar as crianças que continuam em segredo". No dia subsequente lhe é indicado o local do sepultamento de outros 6 mortos (2 homens, 2 mulheres, 2 crianças). O diário registra o local do acampamento desse último grupo "... que pensávamos que vinha da aldeia mas estava bem próximo de nós". Quanto aos demais, lamenta não ter ido buscar o pai da índia Tapaia'hí (a viagem de ida e volta duraria 10 dias) "... e assim se teriam salvo estas vidas" (Diário 19/12/76). Essas ossadas pertenciam, ao que parece, a índios que teriam permanecido na aldeia do Ig. Jatobá, e aí so-

frido outro ataque dos Parakanã. Ou talvez, aos que baixaram ao Xingu, ali adoeceram e vinham seguindo os que acompanharam Raimundo Alves na sua caminhada ao Posto de Atração.

Com efeito, nem toda a comunidade dessa aldeia, a do Ig. Jatobá, construída após o ataque dos Parakanã à aldeia antiga, no alto Ipixuna, baixou ao Xingu. Numa expedição posterior, Raimundo Alves também encontrou esqueletos, junto a um córrego, de índios que sucumbiram quando iam buscar água, de outros vitimados pelas flechas Parakanã e de causas desconhecidas. (Inf. de Antônio Lisboa).

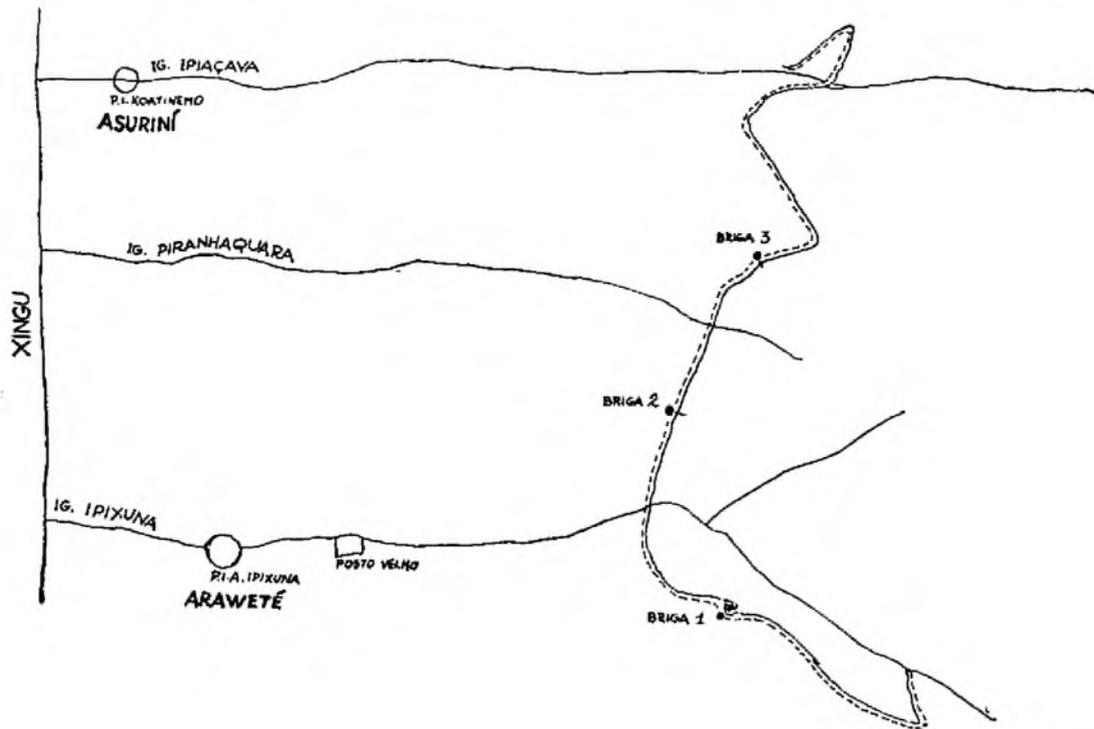
Essa segunda investida dos Parakanã, a primeira pós-contato, ocorreu por volta de dezembro de 1976. No seu diário, João Carvalho informa que no dia 19 desse mês os índios lhe entregam duas flechas Parakanã. E que nesse ataque fora raptada a índia Marupai'hí. (Diário 22/12). Ela volta à aldeia com a cabeça raspada. Pelo tamanho do cabelo, Carvalho deduz que a fuga ocorrera 10 a 15 dias antes. E conclui: "sinal de que os Parakanã se apossaram da aldeia e que o restinho dos Araweté está jogado no mato"⁸.

Entrementes, os índios aldeados junto ao Posto velho (Banana'tí) começaram a abrir roça, construir casas e instalar-se. Escolhem um local junto a um açailal onde existe muita caça e, sobretudo, onde podem ficar ao abrigo da turma de atração.

O segundo ataque dos Parakanã, pós-contato, ocorreu em setembro ~~junto a um açailal onde existe muita caça e, sobretudo, onde podem~~ de 1977. Dessa vez já próximo do Posto de Atração. A índia Morehã'n-katu chega à aldeia esbaforida dizendo que tinha visto Parakanã. Outra índia, Moipita'hí, mulher de Moiraldo, e sua filha de 4 anos, são visadas, mas não são atingidas por flechas. João Carvalho encontra 7 flechas nos locais indicados e verifica que os Parakanã haviam passado a uma distância de 100 metros de três índias que estavam tirando água da cacimba. O episódio termina sem mortes e sem que a expedição enviada ao encalço dos Parakanã consiga encontrá-los, porque quando já se achava perto da "aldeia nova" dos Araweté (de onde foram ao Xingu) recebe ordem de regresso. No Posto, os expedicionários se inteiram do massacre sofrido pelos Parakanã por parte dos Xikrín. (Diário 17/11/77).

Os inimigos mais recentes dos Araweté parecem ter sido os Parakanã. Contudo, a julgar pelas informações dos Asuriní (ver relatório BRG, abril 81), os Araweté os teriam desalojado do Ipixuna há apenas 15 anos. Num mapa traçado pelo índio Takamuin, pode-se ver o trajeto dos Asuriní, os seus caminhos abertos ao longo das duas margens do Ipixuna, sua fuga ao Ipiaçava, passando pelo Piranhaquara, e os locais dos combatentes que travaram com os Araweté.

DESLOCAMENTO DOS ASURINÍ DO IG. IPIXUNA AO IG. IPIAÇAVA,
POR CONFLITO COM OS ARAWETÉ



MIGRAÇÃO ASURINI

Num levantamento das causas das mortes da primeira geração ascendente em linha direta dos atuais Araweté, Eduardo Viveiros de Castro e Dr. Frederico F. Ribeiro obtiveram a informação de que uma criança fora levada pelos Asuriní⁹. No rol dos mortos em combates com outras tribos foram levantados, nome por nome, 33 pessoas (18 homens e 15 mulheres) vitimados por Kaypó, Asuriní e Parakanã¹⁰. Aos primeiros, os Araweté designam por esse nome para facilitar o nosso entendimento, e também por *Awin ya tsikân* (inimigo que mata com pau), na tradução de Viveiros de Castro. Os atingidos por ataques dos Kayapó — provavelmente Xikrín do Bacajá — são os mais idosos dentre os recenseados. Isso indica que essas lutas tiveram lugar há muito tempo, quando os Araweté ainda viviam nas nascentes daquele rio "... sua antiga localização, onde existem vestígios de antigas aldeias, nas quais foram colhidos, pela turma da FUNAI, fragmentos de peças de cerâmica, machados de pedra e outros utensílios, identificados como a eles pertencentes" (Arnaud, 1978:6).

O território tribal dos Araweté se estende ainda, ao que parece, ao Ig. Canaffstula, onde José Daruiche e Assis, participantes da turma de atração, encontraram vestígios de índios (J. Carvalho, Diário 13/11/76). E também mais acima ao Ig. Bom Jardim onde ainda existiria um grupo deles (Idem, 30/4/77). Completando essa informação, existe outra, registrada por Carvalho (Diário 27/5/77), de que nesse igarapé vivia uma tribo amiga dos Araweté, de índios "não valentes", todos os quais teriam estado em sua aldeia há 7 ou 8 anos passados (1968?), uma vez que os meninos dessa idade não chegaram a conhecê-los. Plantam milho, batata, cará, macaxeira e têm casa grande. Seria outro grupo ainda não contactado?

Quando de nossa estada na aldeia araweté, o índio asuriní Takamuin que nos acompanhou, em conversa com Marupadnó, soube que os Araweté têm parentes (ou amigos — *sarabí*) nas nascentes do Ipixuna. Para precisar que eram os de sua tribo, Marupadnó explicou que as mulheres usavam saias.

O primeiro recenseamento dos Araweté, devido a J. Carvalho, registra 119 índios (59 homens e 60 mulheres) em 1977. (Arnaud, 1978: 11). A população atual é de 130 (62 homens e 68 mulheres). Sua taxa de fertilidade é das mais altas registradas entre grupos indígenas com pouco tempo de contato: 5 e 6 filhos por mulher adulta (cf. Relatório Dr. Frederico F. Ribeiro). As moléstias que os afetaram no momento do contato e provavelmente um pouco antes — malária, conjuntivite, gripe, pneumonia — então no momento debeladas ou sob controle. É de se prever, por isso, a persistirem condições favoráveis, um aumento populacional considerando-se que 57% dos Araweté é constituído de menores de vinte e cinco anos.

COMEDORES DE MILHO

Os Araweté se abastecem geralmente de duas a três roças abertas pelo chefe de uma família nuclear, ou mais freqüentemente, de família extensa. A do ano é plantada por volta de novembro/dezembro e tem em média um hectare e meio (100 x 200 metros). O cultivo mais importante é o do milho (*awatsy*) que amadurece em março, ocupando praticamente toda a extensão da roça. Na época da pesquisa, maio/junho de 1981, o milho já estava todo maduro, sendo consumido na forma de farinha (*awatsy mepí*), primordialmente, de mingau (*kān*) e, cerimonialmente, de cauim fermentado (*kān'idá*), bem como de pirão, isto é, misturado ao caldo de caça e peixe.

A farinha é produzida debulhando-se as espigas secas, torrando os grãos num tacho de cerâmica (*inā'hein*) e pilando-os até reduzi-los a fubá, sem no entanto peneirá-lo. O mingau é feito pisando os grãos de milho sem torrá-los e, às vezes, peneirando-os. Reduzidos a pó mais ou menos uniforme, este é levado ao fogo com água. Do mesmo modo é elaborado o cauim, que é bochechado para produzir a fermentação. Essa é aumentada, guardando-se o líquido em painéis de alumínio, na falta das de barro, durante cerca de 15 dias. A massa mais grossa e a espuma são retiradas com colher. O cauim é periodicamente provado para ver se está no ponto.

Não presenciemos o consumo de milho verde que deve se dar em março e abril¹¹. Por informação dos funcionários do Posto, soubemos que o milho verde é consumido de preferência tostado e, eventualmente em forma de mingau. Os grãos são pisados no pilão (e não ralados como entre os Asuriní) e a massa é cozida sem peneirar, ao contrário do que fazem estes últimos.

Como produtos secundários, encontram-se na roça nova, a batata doce (*dytí*), o cará (*karān*), plantados entre as touceiras de milho e, em menor número, a macaxeira, cujo nome genérico é *madzá*. É também chamada "makatsíra". *Madzá* é igualmente o termo genérico com que os Araweté designam a mandioca brava. Esta última foi encontrada apenas na roça existente nos arredores da aldeia plantada pelos funcionários do Posto para uso próprio e dos índios. Vimos raízes enormes que foram deixadas de colher e por isso se estragaram. Em uma das roças visitadas encontramos um pau de cavouco, simples vara de madeira com a ponta inferior aguçada, denominada *ŕ'ú'dá*. Atualmente, a broca, a derrubada e a coivara são feitas com ferramentas fornecidas pela FUNAI.

O cará, batata e macaxeira¹² consumidos em maio/junho provêm da roça plantada há dois anos e até três, uma vez que as do ano anterior ainda não estão suficientemente maduros. Essas roças é que fornecem o

segundo alimento vegetal em importância — cará, batata doce, macaxeira — consumido assado ou cozido. Dessas capoeiras foi arrancado todo o milho. A folhagem trepadeira do cará e da batata se esparrama pelo chão, sobe e se enrosca nos pés de mandioca doce e no mato que invade a roça, tornando bastante difícil a colheita. Na roça mais antiga, de 3 anos, esses produtos já se encontram semi-deteriorados, sendo poucos os tubérculos aproveitáveis.

O quinto produto em importância numérica encontrado nas roças é o algodão. Na listagem dos cultivos dos Araweté, que conferimos com vários informantes e a ajuda de um intérprete asuriní, obtivemos dois nomes apenas para variedades de algodão; *miniú* e *miniú heté* (algodão e algodão verdadeiro). A par destes cultivos, encontram-se na roça, ainda, mamão e banana. Na aldeia, próximo às casas, plantam-se urucu, caroá, fumo e também banana e mamão. E, por fim, uns poucos pés de cuia.

Como se vê pela listagem de produtos, (v. anexo I) os Araweté cultivam 3 variedades de milho; uma delas, o milho para pipoca (*awatsy pyryry*), vermelho e branco-amarelado, foi introduzido por Raimundo Alves¹³. O mesmo ocorre com duas das variedades de batata doce, uma de cará, todas as de macaxeira e mandioca brava, das sementes de mamão, cuia e fumo. As sementes de cuia foram deixadas pelos Asuriní na sua antiga roça plantada no local que veio a ser o “Posto Velho”. As variedades de urucu teriam sido obtidas também dos Asuriní, ainda no Bacajá (inf. de Uadma’hú). O mesmo ocorrendo, segundo esse informante, em relação as 8 variedades de banana. Assim sendo, “autoctones” seriam apenas as 2 variedades de milho e de algodão, as 5 de cará, as 6 de batata doce, as 3 de caroá¹⁴ e as 4 de inhame.

O pouco cuidado na limpeza da roça, principalmente das de 2 a 3 anos, o não uso do facão ou qualquer instrumento cortante por parte das mulheres durante a colheita, e o pequeno elenco de plantas cultivadas autonomamente parecem indicar que os Araweté são agricultores incipientes. Ou ao menos, que as sucessivas mudanças devidas às vicissitudes de sua história mais recente de lutas contra os Kayapó, Asuriní e Parakanã tenham contribuído para que perdessem sementes e mudas de espécies já conhecidas.

É o caso, provavelmente, da mandioca brava. O seu processamento, segundo informações indiretas,¹⁵ se faz ralando o tubérculo em raiz de paixuba, a exemplo dos Asuriní, extraíndo-se o ácido prússico e a tapioca manualmente, deixando a massa secar ao sol e, passados alguns dias, pilando-a, sem contudo peneirá-la para, por fim, tostá-la. Assim se produz a farinha de mandioca (*etyu*) e o beiju (*meiu*).

Uma segunda razão a ser levada em conta é que, após o contato, os Araweté encontraram roça farta no Posto de Atração onde puderam apro-

visionar-se de mandioca, desestimulando talvez o seu plantio autônomo. Por outro lado, no Posto novo, implantado em 1978, a FUNAI instalou um forno de farinha e uma prensa que também devem ter influído para desincentivar a produção de farinha segundo técnicas próprias. Informações dadas pelos funcionários do Posto indicam que os índios fazem grandes farinhadas, utilizando essas instalações quando preparam uma expedição mais demorada à mata.

Em julho/agosto, os Araweté acampam perto da roça onde constroem um grande tapirí para armazenar toda a safra do milho, assim como as sementes para a nova semeadura. Fazem-no em *pehi-heté*, cestos descartáveis, que são enfileirados uns sobre os outros. Os Asuriní, tomam essa providência no fim da colheita do milho verde, selecionando prontamente as espigas que servirão de semente, e guardando tudo dentro das casas.

Castanha do Pará, mamão e bananas têm grande importância na dieta alimentar dos Araweté. São consumidos junto com bocados de farinha de milho. A banana é muitas vezes amassada com essa farinha, constituindo um prato forte para saciar a fome durante várias horas do dia. Em duas roças vimos castanheiras abatidas para coletar castanha verde. A castanha madura, colhido durante a safra (fevereiro/março) é armazenada nas casas durante o ano todo.

Exceto na véspera do *kân'idá*¹⁶, em que se traz grande carregamento de milho, de um modo geral ele é colhido cada 2 a 3 dias, quase sempre por mulheres, que carregam o fardo, acompanhadas de seus maridos, filhos e parentes. Para isso levam um *pehi* (cesto-cargueiro). Mais comumente, contudo, improvisam um *pehi heté* na hora, utilizando folha madura de babaçu, com alça e amarrilho de cipó ou da própria trepadeira da batata. Cortam o cipó e a folha com os dentes. Do mesmo modo, ou com ajuda de algum pau que encontram no caminho, abrem a picada de uma a outra roça. As acompanhantes, em retribuição à ajuda na colheita, trazem pequenos *pehi heté* com milho ou batata para seu próprio consumo¹⁷.

Nessa época do ano, meados de junho, num cálculo grosseiro, pode-se dizer que, a julgar pelas touceiras dobradas, um quinto da roça de milho já foi colhido. Cada touceira tem cerca de 4 pés de milho e cada pé de 2 a 3 espigas. A haste do milho maduro — *awatsy ivé* — é chupada como se fosse cana. Como não levam faca, descascam-na com os dentes. Esse milho, segundo informações do pessoal do Posto, dura o ano todo, havendo às vezes excedente que é doado para alimentação das galinhas.

A importância do milho para os Araweté é ainda realçada pelo fato de constituir o *kân'idá*, realizado uma vez ao ano, seu principal ritual. De mandioca não fazem cauim.

DIVISÃO DO TRABALHO NO NÍVEL DA SUBSISTÊNCIA

A participação da mulher no trabalho agrícola compreende, além da colheita, que parece ser atribuição sua, embora não raro seja ajudada pelo marido, o plantio de determinadas espécies. Tais são: o milho, a batata, o mamão, entre as comestíveis; o algodão, o urucu e a lagenária, plantas de cultivo permanente e de manipulação exclusivamente feminina. Duas dessas plantas, o algodão e o urucu, são de grande importância para a mulher, porque ela é a fiandeira e a tecelã e emprega o urucu para tingir suas roupas e redes, além de usá-lo profusamente na pintura de corpo. Por essas peculiaridades, dir-se-ia que se trata de plantas "eminentemente femininas". As "plantas masculinas", por assim dizer, isto é, cujo cultivo cabe ao homem, são: o cará, a macaxeira, a mandioca, a banana, o caroá e o fumo. As três últimas, bem como o urucu são plantados junto às casas, sabendo cada qual a quem pertencem.

No preparo da roça a mulher parece ter menor participação. Assim é que, por informação indireta, sabe-se que é homem quem broca, derruba a mata, queima e coivara. A ele cabe também a abertura de caminhos e a construção de pontes (*iriwawân*) para a travessia dos igarapés. Ao homem cumprem, ainda, outros afazeres pesados, como a construção da casa. Pudemos observar a construção de várias delas, feitas agora de taipa, do modelo regional. A madeira para o arcabouço, pilastras e travessões, a palha para a cobertura de folha de babaçu, o peciolo da mesma usado para fazer grade e, ainda, os cipós para os amarados são trazidos do mato pelo homem. A mulher contribui na abertura da palha, puxando cada pínula para alinhá-las perpendicularmente à nervura. Ajuda também na amarração do gradeado, no barreamento e reboco das paredes.

No trabalho doméstico, a participação feminina e masculina quase que se equivalem. Na manipulação do milho temos visto mais comumente as mulheres debulhá-lo e torrâ-lo, enquanto os homens o pisam no pilão e às vezes ajudam a mexer, com colher de pau (*ñapehen*), a panela do mingau. A ela cabe peneirar a farinha de milho cru para os mingaus ou para os pirões. A farinha de milho torrada não é peneirada. Todo esse trabalho é eventualmente compartilhado pelo casal.

A caça é preparada, de um modo geral, pelo homem. Tanto assim é que, a refeição mais forte é feita à noite depois que o homem volta do mato, com sua coleta de tatu ou jaboti. Esta é feita cada dois ou três dias. A exemplo dos Asuriní, os Araweté costumam guardar jabotis vivos dentro das casas, porém em número menor que aqueles.

A farinha de mandioca (*otyn*) é preparada também pelo casal, cabendo ao homem mais que à mulher, ralar a raiz, não estando ela, con-

tudo, de todo isenta desse trabalho. A mulher incumbem-se de extrair o veneno e a tapioca, manualmente, dessa massa e o homem de torrã-la. (Inf. de funcionários do Posto).

O aprovisionamento de água para beber e cozinhar cabe, primordialmente, à mulher e seus filhos. O de lenha, ao homem.

A caça e a pesca são seara masculina¹⁸. De um modo geral, pode-se afirmar que, a exemplo dos Asuriní, os Araweté praticam uma “caçada coletada” de jaboti e tatu, base de sua dieta em proteína animal, que se encontra em grande abundância no Ipiaçava e no Ipixuna, onde também existe fartura de porcos do mato. Ao contrário dos Asuriní, porém, que criam uma quantidade enorme de cachorros para a caça, não existe nenhum cão nas duas aldeias araweté.

Durante um mês, em uma das aldeias, anotamos — afora um número muito grande de jabotis e menor de tatus — a caça, com arco e flechas, de: 2 cotias, 2 jacus, 1 mutum, 1 guariba, 6 porções de uma vara que estava devastando uma roça e de 1 veado. Este foi dado aos funcionários do Posto, que depois, distribuíram aos índios a carne semi-preparada. Ao que parece, do mesmo modo que os Asuriní, os Araweté não comiam, até recentemente, carne de veado, passando a fazê-lo agora por influência do pessoal da FUNAI. Preferem o porcão ao caítitu e, no verão, deixam de apanhar tatu porque acham que está magro e a carne “doente” (Inf. de Eliezer Gomes da Silva).

Muitas vezes os homens saem de madrugada ou à tardinha para apanhar tatu em esperas junto às árvores de cujos frutos se alimenta. Perto de uma roça vi um tapiri de folha de babaçu todo fechado, com uma única abertura para dar passagem à flecha. Foi construído junto a uma árvore chamada *karapitsín*, cujo fruto a cotia come.

Obtive informações indiretas sobre pesca com timbó, que é praticada intensivamente no verão quando os igarapés estão praticamente secos. Quanto a armadilhas para peixe, encontrei apenas uma, (*hará*), na aldeia mais distanciada do Posto. É um cone construído com talas do peciolo do babaçu (*ivañã*), fechado na extremidade posterior, sem cone interno. É colocado de golpe sobre o peixe para aprisioná-lo na pesca com ou sem timbó. A flecha para peixe é de ponta de madeira com farpa natural.

A produção constante de arcos e flechas pode estar ligada, portanto, à defesa contra ataques dos Parakanã, sempre presentes no espírito dos índios. Mesmo porque, só raras vezes levam armas quando saem à mata em busca de tatu e jaboti. Nessas oportunidades munem-se apenas de um facão. Constitui exceção a caçada coletiva. De uma delas

realizada na véspera de um *kān'idá* — que se seguiu ao frustrado pelo motivo exposto¹⁰ — participaram todos os homens adultos e os rapaziños acima de 12 anos. Só estes saíram da aldeia armados apenas de um facão. A caçada durou seis dias.

Até agora, cerca de uma dezena de índios aprendeu o manejo de espingarda. A empunhação do arco e flechas durante as danças e cantos (*opurahein*) que acompanham o preparo do *kān'idá* (ritual do milho fermentado) pode simbolizar a atividade guerreira.

Não foi possível observar a divisão de trabalho entre os sexos nas longas expedições de famílias inteiras à mata que chegam a durar dois meses.

DIVISÃO DO TRABALHO ARTESANAL

Com referência ao trabalho artesanal, as tarefas estão mais ou menos equilibradamente distribuídas entre os sexos. Contudo, considerando-se o vulto de trabalho e a conseqüente consumação de tempo na manipulação do algodão, pode-se dizer que a mulher ocupa mais horas na atividade artesanal que o homem. É, ainda, que lhe cabe a elaboração de maior número de elementos da cultura material, como se pode ver no anexo II.

A cultura material dos Araweté compõe-se, aproximadamente, de 53 ítems (Ver apêndice I). Entre estes contam-se alguns implementos que podem ser chamados "autoctones", utilizados principalmente na confecção do arco e flechas. Tais são: o formão (*paratsy*) com cabo de madeira lavrada e ponta de dente de cotia ou paca. Esse instrumento é usado constantemente pendente de um cordão posto na cabeça, caindo sobre a nuca, vindo acompanhado de um troço de pau duro para amolar (*tatsipé*) e um apito de osso de gavião, com que os índios se comunicam quando andam pelo mato e que falta no símile dos Asuriní. Outro implemento que funciona também como ponta de flecha é o *atsítsikin*. Feito do fêmur de guariba, é afilado na ponta e com chanfradura na extremidade posterior. Com essa sovela os Araweté perfuram a haste de bambu da flecha, a fim de introduzir no orifício o fio de caroá com que costuram a emplumação tangencialmente à haste. Com o mesmo instrumento fazem o furo na palha do babaçu para atar cada dobra, na confecção do patuá (*paty'ã*).

Com o formão alisam o arco depois de esculpido a faca, a fim de tirar-lhe os nódulos e obter a curvatura desejada. Esta é obtida, esquentando a madeira untada com o leite da amêndoa do babaçu mastigada, e

pressão manual. Com o mesmo instrumento desbastam e acertam a concavidade e as pontas de taquara das suas flechas (*taakun*). O formão é usado, ainda, para alisar a haste do fuso (*e'in*).

Dentre as técnicas que poderíamos chamar “primitivas ou autoctones”, os Araweté, do mesmo modo que os Asuriní, recordam ainda como se produz o fogo pelo atrito de duas varinhas de urucu silvestre, e como se faz o encabamento de machados de pedra²⁰.

Pelo que pudemos observar, o trabalho artesanal mais constante do homem é o preparo ou reparação de suas armas: o arco e as flechas. Ao organizar a coleção, foi difícil conseguir que alguém fizesse um patuá novo. Os existentes estavam muito surrados. A organização dessa coleção, contudo, incentivou alguns artesãos a fazerem arcos, flechas e outros artefatos que trocamos por quinquilharia civilizada. Por outro lado, no período da pesquisa, quatro famílias se entregavam febrilmente à construção de casas de taipa, ocupando todo o tempo disponível do homem. Uma outra estava se transferindo para a aldeia junto ao Posto, para isso também fazendo casa nova.

Depois do contato e em virtude de não disporem de argila apropriada junto às atuais aldeias²¹, as mulheres Araweté praticamente deixaram de fazer recipientes de barro. A razão mais forte, entretanto, foi a introdução maciça pela FUNAI de panelas de alumínio que vieram substituir o antigo vasilhame, exceto a torradeira de grãos de milho, de uso constante.

Para caracterizar os aspectos materiais da cultura araweté resta falar da casa e do seu equipamento. A casa de estilo tradicional, prevalece na segunda aldeia, situada a 800 kms. da primeira, que fica junto às instalações do Posto, e é feita com um arcabouço de madeira flexível preso a três esteios e um travessão. O teto e paredes laterais, abobadados, são cobertos com folhas de palmeira babaçu. As paredes frontal e costal, bem como a vedação da porta são feitas de esteiras trançadas, superpostas. Essa casa de planta retangular, sem separação de teto e paredes laterais, é caracterizada pelo tamanho diminuto da porta, obrigando uma pessoa adulta a agachar-se muito para nela penetrar. O interior é bastante escuro, havendo uma ou outra abertura na parede para deixar entrar um faixo de luz. Isso evita, contudo, a penetração dos piuns (borrachudos)²².

O equipamento da casa consiste de um ou mais jiraus onde se colocam os *pehí* (cestos de carregar e armazenar) com guardados; cochos (*ipé heté*) de diversos tamanhos e formas, feitos da bainha da folha do ba-

baçu (os alongados) e de açaí (*ipé ararã* — os mais arredondados e côncavos) ²³. Neles a mulher acondiciona o algodão a descarregar e as “almofadas” já preparadas, isto é, o algodão aberto em flocos, pronto para ser fiado. Esses cochos são, por assim dizer, “pau para toda obra”. É o recipiente em que se colocam o milho debulhado, mingau a ser esfriado, o urucu a ser pisado ou o pó de urucu já preparado. Serve ao mesmo tempo de assento e de vasilhame. Da mesma forma é utilizado o casco do jabutí (*iaty*) onde é geralmente servida a carne desse quelônio.

Nos jiraus existentes no interior da casa vêm-se, ainda, pontas de flechas de taquara, semi-preparadas, em grande quantidade. O maracá (*arái*) trançado pela mulher com talas de taquarinha preparadas pelo homem, e adorno de penas de arara e floco de algodão, é também encontrado em todas elas. Pendentes se vêm dezenas de enfiaduras de colares de contas negras de sementes (*tsiñã*). E junto às redes, os fogos para aquecer à noite, ou preparar algum alimento. De um modo geral, porém, o fogo para a cozinha — toras de lenha onde se coloca a panela — é armado fora de casa. Uma ou outra tem um moquém.

A aldeia situada junto ao Posto apresenta um aspecto meio desordenado. Casas novas estão sendo construídas ao lado das antigas — que continuam em pé — certamente para assegurar a propriedade dos mamoeiros, urucuzeiros, pés de caroá, cuia e fumo plantados nos arredores. Ainda, assim, é sempre deixado um espaço aberto frente às casas para acender fogos, estender esteiras à noite, onde se come e se conversa, para realizar os cantos e danças durante os cerimoniais. E, sobretudo para as correrias das crianças. Famílias nucleares de parentes próximos formam pequenos círculos de casas em torno dessas mini-praças. A aldeia mais distante do Posto tem um pátio central quase circular e a uniformidade das construções, de tipo tradicional, a torna mais harmoniosa. Pela manhã e, principalmente, à noite, quando não há pium nem carapanã, a vida da aldeia passa a funcionar fora da casa. Nas horas mais quentes do dia, os que não saíram para caçar ou trazer alimentos da roça, permanecem em suas habitações, com as portas cerradas, deixando a aldeia deserta.

A INDUMENTÁRIA FEMININA E O PUDOR

Uma das características mais marcantes dos Araweté, como etnia, é o uso da vestimenta feminina. Tanto assim é que os Asuriní, a par da designação Ararawa, empregam a de *Tsiro tingí* (saia branca) para nomeá-los. Os Araweté confirmam que antigamente ela era dessa cor. Para caracterizar outras tribos, como os Parakanã, por exemplo, os Araweté acentuam que suas mulheres não usam essa vestimenta.

A indumentária feminina completa da mulher adulta é composta de quatro peças: a saia-cinta, usada para cobrir a genitália, apertar o terço superior da ~~coxa~~ e as nádegas, acima da dobra; saia propriamente dita; a tipóia e o tubo-lenço para a cabeça. Todas as peças são tecidas segundo a mesma técnica — entrecruzamento da urdidura por torção de dois fios da trama — com carreiras paralelas em sentido longitudinal (tecido entretorcido — *twined*). No caso da saia-cinta, essas carreiras são montadas próximas umas às outras formando um tecido compacto (*weft faced*) isto é, com a trama aparente, que se assemelha a uma lona.

A mesma técnica é usada para a confecção da rede de dormir. Utiliza-se um tear horizontal formado por duas varas fincadas no chão. Chama-se *peheme*, nome da matéria prima: o pecíolo da folha nova do babaçu. A distância entre as mesmas varia de acordo com a largura que se queira dar à saia, ou o comprimento da rede. No vão entre as duas varas, engatadas na chanfradura natural do pecíolo, são colocadas duas outras, do mesmo material, em sentido transverso. Assim são firmados os dois postes, que constituem as urdideiras, uma vez que neles é montado o urdume.

O uso dessas quatro peças da indumentária feminina é constante e ininterrupto. Nem sempre, porém, a mulher, mesmo quando madura, enverga todas elas ao mesmo tempo. Mais freqüentemente usa a saia-cinta (*tupã heté* — roupa verdadeira), a saia (*tupã'in*) e a tipóia (*ipóisí hã nehã*)²⁴, tenha ou não filhos de colo. O tubo-lenço é ao mesmo tempo uma maneira de proteger a cabeça do sol, daí o nome, *dapité nehã* (chapéu)²⁵, de cobrir com ele a cabeça do filho de colo, ou simplesmente de abanar-se e à criança para evitar a picada dos incômodos piuns.

As meninas, a partir dos 6 anos, começam a usar a saia, da qual as maiores de 8 anos nunca se separam, e às vezes também a tipóia. Esta se presta a múltiplas finalidades: pode ser posta na cabeça, como enfeite ou para evitar o sol quente. Mas sua serventia maior é a de bolsa em que se carrega desde produtos da roça até qualquer coisa que se encontre no caminho, e, naturalmente, o filho de colo. Daí sua terceira designação: *hand moné hã* — “coisa de carregar criança”, segundo E. Viveiros de Castro. Costumam, às vezes, pendurá-la na casa como saco de guardados, principalmente de tubérculos antes de utilizá-los.

A saia, também um tubo tecido, apresenta comprimento variável, acorde à altura da usuária. Geralmente cobre os joelhos e recebe uma prega que é dobrada para fora na altura da barriga para ajustar-se ao corpo. Certamente atrapalha o andar, porque qualquer movimento mais brusco a fará cair.

A tipóia é usada de várias maneiras. Às vezes as índias cobrem com ela todo o busto e a barriga e ainda puxam ^{uma} ponta sobre o ombro, deixando o outro a descoberto. Da mesma forma é movimentado o tubo-lenço, preso não raro por uma grinalda de enfiadura de contas negras, o que confere à figura feminina uma imagem semelhante ao uso do turbante árabe.

A toalete feminina completa é composta dessa indumentária, de um fio de algodão tinto de urucu amarrado abaixo do joelho e outro no tornozelo, do colar de contas de sementes (*tsiñã*) e de um par de brincos (*ñamikã*) constituído de sementes pretas e flores de penas, também de uso masculino.

Depois de minha saída da aldeia, Iara Ferraz observou a confecção, com agulha de croché, e o uso, de jarreteiras (*takurapy*) e tornozeleiras (*iwikatihã*) = “coisa de baixo”, por duas mulheres Araweté. A agulha era de osso de macaco guariba. E. Viveiros de Castro anotou o uso, pelos homens, de pulseiras (*pã api*) e braçadeiras. O emprego dessa técnica constitui um traço em comum com os Asuriní e também com os Jurúna.

O cuidado do corpo inclui a remoção das sobrancelhas em ambos os sexos, mas não dos cílios, como entre os Asuriní, e o uso de uma pintura facial e corporal de urucu. A primeira consiste de dois traços partindo da boca para as orelhas, um outro na horizontal, abaixo da franjinha e um terceiro na vertical, dessa linha até a ponta do nariz. Essa pintura é feita com urucu cozido na água até secar. Para torná-la mais firme adicionam-lhe a seiva perfumada de uma árvore (*mea'i*). Com outra seiva fixam a penugem de gavião que colocam no cabelo untado de urucu, em ocasiões especiais (os homens a usam, também, no peito), formando uma linha na horizontal. Mais comumente, homens, mulheres e crianças untam-se de urucu da raiz dos cabelos até a ponta dos pés. Uma ou outra vez pode ver-se uma mulher ou um homem com tracejados simples no corpo feitos a dedo com a mesma tinta.

É provável que haja algum mito vinculado ao uso da vestimenta feminina e ao pudor. A insuficiência lingüística e o pouco tempo passado entre os Araweté não permitiram que colhêssemos textos míticos. O importante a assinalar é que, por uma ou outra razão, as mulheres, a partir de pré-puberdade, não se separam de suas saias, embora quando jovens, nem todas usem a interna (saia-cinta) constantemente. E quando têm ~~de~~ de banhar-se, as mulheres adultas o fazem com o maior recato, mesmo na frente de outras mulheres, tirando as duas saias ao mesmo tempo e agachando-se para ocultar o sexo.

Essa atitude pode estar ligada a um conceito de pudor que inibe a mulher adulta de exhibir os órgãos sexuais. É provável também que se

prenda a uma deformação anatômica provocada mecanicamente²⁶. Com efeito, as meninas menores de 10 anos, embora usem invariavelmente sua *tupã'in*, tiram-na com a maior naturalidade, mesmo na presença de homens. As adolescentes o fazem em frente de mulheres, durante o banho, coisa que jamais fará uma mulher adulta²⁷.

A deformação no andar, com os pés voltados para dentro, (*genus valgus*), corrente entre mulheres adultas, é, provavelmente, uma consequência do uso da saia-cinta. Sem embargo, por ser observada, de forma bem mais atenuada, entre os homens, essa peculiaridade pode ser atribuída também à posição em que a criança é carregada na tipóia, sempre com os pés juntos, apertados um contra o outro. Contudo, quando a mulher precisa ter as mãos livres, coloca o filho às costas preso pela tipóia que é então posta na cabeça. Da mesma forma os pais carregam eventualmente os filhos.

O pudor masculino começa a revelar-se com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários, no começo da puberdade. Dificilmente se verá um menino de 11 anos para cima sem o calção, ao passo que os homens adultos, que trazem o arranjo de decoro — a amarração do prepúcio para ocultar a glândula — andam nus. O uso da vestimenta masculina nesses últimos 5 anos pós-contato, ligada por um lado ao pudor e à imitação dos *kemarã* (brancos), se explica principalmente como proteção contra a praga, o *pium*. Com efeito, à noite, quando este desaparece, todos se despem completamente, exceto do arranjo de decoro.

A respeito da indumentária feminina Araweté é de se salientar que ela não constitui uma parafernália cerimonial, senão o vestuário do dia-a-dia. A única diferença notada no arranjo pessoal para a celebração de um rito (*kān'idá*) foi o preparo de uma quantidade descomunal de pasta de urucu com que se paramentaram homens, mulheres e crianças. Outra observação a respeito dessa vestimenta é que ela distoa apenas da de outras tribos pelo número de peças usadas em conjunto. A saia-cinta, como se sabe, é usada pelas mulheres Yagua e, antigamente, pelas Umotina e Paresí. Uma saia mais longa é encontrada entre os Urubus-Kaapor e os Jurúna, entre outros. As índias das Guianas são conhecidas por suas tangas de miçanga. Somente no caso dos Araweté e, em menor proporção, dos Kaxináwa do Peru²⁸ encontramos a vestimenta múltipla.

Como se vê, outras mulheres índias usam "roupa". É provável que essa prática esteja ligada ao pudor feminino em exibir a genitália da mesma forma que o masculino em mostrar a glândula²⁹.

Tentei obter um desenho de mulher para ver como a concebiam, com ou sem saia. Depois de experiências frustradas, em que saíam simples garranchos, obtive uma figura esquemática com saia e tubo-lenço.

A representação de mulher mais espontânea era sempre de um ou mais círculos pegados um ao outro.

O trabalho da fiandeira e da tecelã araweté é menos constante que o da Asuriní. Esta última, embora não tenha de ocupar-se da confecção da múltipla vestimenta peculiar àquela, emprega mais tempo na confecção de uma rede de tecido compacto, também entretorcido, que a tecelã araweté com as suas diferentes prendas tecidas.

As redes araweté (*ñ'ñã*) são de vários tamanhos, dependendo da idade do usuário. Mulher dorme separada do marido e, exceto as crianças de colo, cada filho tem sua própria rede, cuja largura excede o comprimento. Isso obriga dormir-se meio encolhido ou colocar os pés fora da rede, ou, o que é mais comum, usá-la em sentido oblíquo. O excesso na largura permite ao usuário também cobrir-se com a rede³⁰. Não obstante tudo isso, os Araweté preferem suas redes à nossas (que chamam *ñ'ñã pukú* (rede grande), tendo sido muito difícil obter uma para a coleção.

Grande celeuma foi levantada quando tentei adquirir as peças do vestuário feminino. De um modo geral, a mulher usa sua roupa até a exaustão, só repondo-a e a de suas filhas quando estão em frangalhos. A atração que exerce sobre as índias a nossa bugiganga é que permitiu efetuar algumas trocas. Quando se tratava de saia-cinta (*tupã heté*), essa operação era cercada do maior segredo, feita à noite, às escondidas. Posteriormente, uma das transadoras recuperou sua prenda e todas as demais reclamaram querendo as delas de volta. Esse incidente mostra que se trata de um bem pessoal, praticamente intransferível.

A técnica de tecelagem entretorcida dos Araweté é idêntica à dos Asuriní. Estes últimos praticam, ademais, a tecelagem verdadeira — entretecimento de urdidura e trama em tear vertical, neste caso, com a ajuda de separadores (Ver: B. Ribeiro — “A oleira e a tecelã: o papel social da mulher na sociedade Asuriní”, em *Revista de Antropologia*, vol. 25: 25/62). Os Araweté desconhecem, igualmente, o uso das tintas verde e marrom com que os Asuriní tingem previamente o fio. O tingimento com urucu das prendas tecidas feito pelas mulheres Araweté é posterior à tecelagem e de uma técnica muito simples: umedecem a semente do urucu com óleo da castanha do babaçu mastigada. O líquido, leitoso e oleoso, serve para fixar o vermelho. O uso constante dessa tinta no corpo e o encardido provindo do uso prolongado, fixam e uniformizam a cor no tecido.

Uma peça de tecelagem araweté, o *apipikã*, faixa frontal de uso masculino e feminino, é elaborada segundo a técnica mais elementar de tecelagem entretecida, porque dispensa o uso de tear ou moldura para tensionar os fios. Ela parece ter sido inspirada na confecção de um adorno semelhante, *apipikã pynatÿ*, (faixa frontal, pínula do babaçu), tran-

gado de nervura e folíolo da folha do babaçu. Neste caso, a nervura rija faz as vezes de urdidura, enquanto a palha flexível cumpre a função da trama. Dessa forma se compõe um trançado arqueado, num vai e vem da pínula que engloba, por cima e por baixo, cada uma das nervuras. mesmo modo se entretece o fio de algodão esticado entre a mão esquerda e o dedão do pé, enquanto com a mão direita se movimentam a trama, resultando um tecido xadrezado.

Comparada à técnica dos Hetá, também grupo tupi, já extinto, cuja tecelagem entretecida de algodão foi tida como das mais elementares³¹, chega-se à conclusão que a dos Araweté é bem mais simples. Ainda no que se refere à tecelagem, os Araweté têm em comum com outros grupos tupi (Kayabí, Jurúna, Asuriní) e também com grupos Karib³² e Pano³³ o emprego apenas do algodão como fibra têxtil e sua utilização intensiva no campo do mobiliário (rede), vestuário, adorno e paramentália cerimonial. ~~Com efeito, a tecelagem com fio de fibra de bromeliácea ou palmeira se restringe à tecelagem de redes e adornos.~~ O domínio da tecnologia do algodão ampliou o campo de aplicação do fio ao vestuário feminino. Isto se deve, certamente, ao fato de tratar-se de um artesanato privativo da mulher. Pela mesma razão, cabe a ela o controle total sobre essa planta, desde o plantio e a colheita, até o processamento da fibra com fuso e sua transformação em tecido³⁴.

O caroá (*krawã*) (da família das bromeliáceas — *Neoglaziovia variegata*) para cordaria é manipulado apenas pelo homem. Com ele fazem as cordas dos seus arcos, das redes de dormir, de alguns amarrihos das flechas e do patuá.

A técnica de fiação da mulher Araweté pode ser qualificada como muito boa, não só pelo uso de um fuso tecnicamente bem feito, de bom tamanho e com incrustação na extremidade superior, como pelo resultado obtido: fio homogêneo de diversas grossuras, de uma ou duas pernas. A fiação, como técnica, apresenta certas dissimilaridades em relação a ~~das~~ mulheres Asuriní. Enquanto estas batem a almofada³⁵ em torno de pau para espichar a fibra, as mulheres Araweté não só depuram o algodão do cisco como espicham a almofada colocando-a sobre uma esteira, esta sobre o cesto-cargueiro e batendo o floco diretamente com um pau, igualmente roliço, de galho de urucu silvestre. Por outro lado, enquanto a mulher Asuriní fia duas vezes a mesma linha para, na segunda fiação igualá-la, retirando-lhe os nódulos, — para isso distorcendo todo o novelo —, a fiandeira Araweté faz isso tudo de uma só vez. Para tanto toma o maior cuidado no preparo das “tiradas”³⁶ que apresentam espessura uniforme. Os nódulos existentes são retirados com os dentes ou a mão, sem distorcer a linha já fiada.

A comparação entre a atividade artesanal da mulher Araweté e Asuriní tem de restringir-se à atividade relacionada à fiação e tecelagem,

uma vez que não existem termos de comparação entre habilidade gráfica e oleira da mulher Asuriní quando confrontada com a Araweté. O único paralelo possível seria a constatação de que o cuidado com a aparência está presente em ambas. No caso das Asuriní, ele é expresso pela elaborada pintura corporal feita com tinta de jenipapo. No caso Araweté, na sua complexa vestimenta que, por um lado, constata com a completa nudez do homem e, pelo outro, equipara a sua figura à de outros povos com vestimentas típicas.

A simplicidade da elaboração técnica da tecelagem Araweté e, em parte, também da Asuriní, faz com que não se encontrem especialistas em ambas as tribos, principalmente entre os Araweté. Todas as mulheres Araweté sabem fiar e tecer. O destaque maior advém da prática adquirida com a idade. No caso das Asuriní foram-nos indicadas as melhores artesãs para a confecção de tipóias, geralmente mulheres mais idosas, mães de filhos, que tiveram de fazê-las para uso próprio. A mesma coisa ocorre em relação à tecelagem altamente elaborada com desenhos em sarja dos Jurúna e Kayabí.

O FUTURO DOS ARAWETÉ

Tal como os Asuriní, os Araweté não foram “pacificados”. Ambos os grupos aproximaram-se do branco voluntariamente para obter ferramentas, remédios e proteção contra tribos inimigas. Entretanto, ao contrário dos Asuriní que, 10 anos após o contato se encontram em franca extinção, com uma população infantil representando 12% da população total, já em si diminuta (54 pessoas), os Araweté têm frente a si um futuro mais promissor. Esta perspectiva pode ser vista a olho nu, pela alegria barulhenta e buliçosa das crianças, a cordialidade e o otimismo de todos, se comparados com a melancolia e derrotismo dos Asuriní.

Entretanto, algumas inovações deverão ser feitas, mesmo sob pena de interferir no tecido social e no modo de vida tradicional desta tribo. Aqui se coloca a pergunta: o que são os Araweté? Mais que nada silvícolas interioranos, que viviam longe dos grandes rios, ao modo dos Asuriní, porém tecnologicamente mais pobres que estes no que se refere às técnicas agrícolas e artesanais.

Três exemplos serviriam para ilustrá-lo. Quando de nossa estada em sua aldeia, nosso acompanhante asuriní, Takamuín, encontrou uma gramínea (*kamadzivi*, em sua língua), com que teceu várias peneiras bastando talas do mesmo modo como este e outros grupos utilizam a taquarinha e o arumã. Essa “camaiuva pequena” é também conhecida pelos Araweté, que a chamam *kamái*, porém não é utilizada por eles. Outro exemplo. Na mesma oportunidade Takamuín foi buscar a cortiça

de ingá — *Ingá sp.* — (*tsitsi'ñva*, em asuriní) para fixar o carvão no interior de cuias que preparou para seus amigos Araweté. Estes conhecem o fruto do ingá (*tsitsi'i*, em sua língua), mas não utilizam o fixador, cujo uso para o tingimento de talas para trançar cestos é amplamente difundido entre vários grupos indígenas.

A conclusão a que se chega é que, embora conheçam muito bem a flora, deixam de explorar suas potencialidades no que se refere à produção artesanal. O terceiro exemplo é ainda mais esclarecedor. A pobreza do elenco de cultivares dos Araweté contrasta com a riqueza do seu conhecimento de mel de abelha e de marimbondo. Com efeito, seu número ultrapassa a lista de nomes ditada pelo asuriní Takamuin: 17 deste último e 19 dos Araweté de mel de abelha, 18 contra 8 espécies de marimbondo. A sua qualidade de “mateiros” ou “silvícolas” é também denunciada pela agilidade com que se movimentam na mata, subindo pelo cipó em qualquer árvore para apanhar mel de abelha ou uma guariba que tenha ficado presa entre a folhagem (Inf. Eliezer Gomes da Silva, encarregado do P.I.A. Ipixuna).

A própria rusticidade da cultura material, sua leveza e portabilidade, o pouco cuidado na construção da casa tradicional são um indicio claro de sedentarismo incipiente, ou ao menos, de uma transumância forçada por vicissitudes históricas comparável à dos Guaja ou à dos extintos Xetá. O trabalho artesanal do homem e da mulher é desprovido de preocupação estética. Nenhum artefato — cuia (certamente de introdução recente), cerâmica, tecido, trançado, madeira — é adornado com desenhos. A pintura corporal e facial é também muito elementar. Daí advém, certamente, a dificuldade de expressão gráfica dos Araweté, com lápis e papel.

Com exceção do brinco, técnica e esteticamente bem elaborado, os poucos adornos plumários que encontramos na aldeia demonstram um desconhecimento técnico no manejo dessa matéria prima. Assim sendo, tomando por base a arte plumária tão característica dos índios Urubus-Kapor, a suposição levantada por João Carvalho (Cf. Arnaud, 1978: 6/7) de que os Araweté seriam um ramo destacado destes, não se confirma. Quanto às identidades lingüísticas alegadas, só os especialistas poderão opinar. Ainda no que concerne à cultura material, os dois grupos, como outros tupi, têm em comum o uso da saia. No caso dos Kapor, entretecida; dos Araweté, entretorcida. E ainda a semelhança da técnica da rede, do fuso — no que se refere ao tamanho, principalmente — bem como da cerâmica, bastante rústica em ambos os casos. Contudo, os Kapor, como seus vizinhos Tembê e Guajajara, baseiam sua alimentação na mandioca brava processando-a com tipiti, implemento este usado apenas pelos Jurúna, dentre os grupos tupi do Xingu. Outro traço em comum com os Urubu-Kapor é o corte do cabelo, o arranjo de decore masculino e a pintura corporal com urucu.

Voltando à comparação entre Araweté e Asuriní, verifica-se que a laboriosidade e habilidade artesanal destes últimos fizeram com que rapidamente conseguissem certa autonomia para a satisfação de necessidades criadas pelo contato com o branco. Constroem suas canoas e remos e ainda os vendem à FUNAI, podendo, futuramente, especializar-se nessa indústria. O seu artesanato, altamente elaborado, encontra grande aceitação pela ARTINDIA, representando sua venda uma fonte de recursos permanentes para a aquisição de bens industriais. O rápido aprendizado do manejo da espingarda também lhes facilitou o provimento de proteína animal.

Os Araweté passarão, forçosamente, pelo mesmo processo. A desvantagem que atualmente têm com relação às qualidades assinaladas dos Asuriní, poderá ser facilmente compensada pelo vulto maior da população, por sua juventude (57% com menos de 25 anos)³⁷ e sua atitude otimista diante da vida. Para isso terão de ser ajudados pela FUNAI. Não porém como na época do contato, em que trabalhadores abriam roça, pescavam e caçavam para alimentá-los. Mas sim, trabalhando a seu lado, ensinando-os a cuidar melhor de suas roças, suas colheitas, a pescar com anzol, a lavar o corpo e as roupas com sabão³⁸. E evitando o mais possível o consumo conspícuo de bens não indispensáveis que encontram símile em sua cultura: a rede de dormir, a cerâmica, a vestimenta.

Esta última sofrerá, sem dúvida, no processo. Já se pode ver hoje algumas mulheres com saias de pano usadas na altura dos quadris, à maneira de suas próprias. E também blusas sob as tipóias, para evitar a picada de mosquitos. Quem sabe virá a representar, no futuro, uma roupa típica exibida em "festas folclóricas", como as que os padres salesianos promovem no alto Rio Negro.

Cessadas as hostilidades com os Parakanã e outros grupos e refeita a tribo das moléstias que a acometeram no período pré e pós-contato, e que lhe custou a metade da população, resta ao órgão de assistência projetar e controlar as mudanças que necessariamente sofrerão no trânsito de sua condição de índios isolados para a de grupo em contato intermitente com agentes da sociedade nacional. Esse processo teve início quando os Araweté conseguiram os primeiros implementos de ferro tomados de gateiros, seringueiros e castanheiros, deles não mais podendo prescindir. E prosseguirá na medida em que se habituarem ao uso do sal, fósforos, roupas, alimentos como arroz, açúcar, café, que conhecem e apreciam. E mais ainda, espingardas (até agora não introduzidas nem reclamadas), mesmo porque o seu alimento protéico básico é o jaboti e o tatu. E também quando aprenderem a falar o português e, com isto, os conteúdos da cultura dominante³⁹. O indício mais evidente do seu encantamento com o que conhecem da cultura regional é a adoção da casa de taipa, que representará, certamente, um fator de sedentarização.

Como se sabe, o processo de aculturação é irretorquível. Sua condução exigirá muita paciência, sabedoria e bom senso das pessoas em contacto cotidiano com os Araweté: os funcionários do Posto. Para que ele não seja acelerado demasiadamente, a medida preventiva a ser tomada, de imediato, é a demarcação do território tribal. Isto é tanto mais urgente, considerando-se o projeto de construção de uma hidrelétrica no Xingu e a conseqüente inundação de grandes extensões das terras dos Asuriní e Araweté — bem como a valorização das limítrofes.

ANEXO I

PRODUTOS DA ROÇA — CULTIVARES

Milho — awatsy

1. awatsy heté
2. awatsy ohó
3. awatsy pyryry (milho pipoca)

Batata doce — dyí

1. datsi'naramé
2. hauvime'é (roxa) (dada p/ R. Alves)
3. rabapu kumeé
4. apapoku humeé
5. takain etsin
6. oió'opé (dada por Raimundo Alves)
7. arapuã dyí (veado, batata)

Coroá — kraã

1. hauvime'é karã (roxo) (dado p/R. Alves).
2. karã puku
3. karã hy
4. dzetí karã
5. karã piky'hu
6. karã heté

Macaxeira — Madzá (c/ou makatsira) (Trazida por Raimundo Alves)

1. daime'é (branca, fina, raiz mais arredondada)
2. araraé (preta, raiz alongada, igual ao aipim)
3. ararã hy
4. madzá kŷ'n

Mandioca brava — madzá (Trazida p/ R. Alves)

1. ararã hy
2. daime'é
3. mihirí'n

Coroá — kratã

1. krawã'naire
2. nampé
3. taíre'iê

Banana — paríri

1. pari'ripé
2. moiparané
3. padzydzypydin
4. pakawy
5. padzydzytŷ'n

mamão — mãmã (trazida por R. Alves)

1. mãmãí

inhame — karã'hy

1. dzéretsi karã
2. karã puky

6. padzydzy ohó
7. ~inã padzydzy (banana inajá)
8. iwãnpidimé

urucu — *irikĩ*

1. irikĩ'í
2. tépidin apápe
3. adzuruhé apápe

lagenária — *kui* (trazida p/ R. Alves)

3. taya'hy karã (porcão, inhame)
4. katety karã (caitetu, inhame)

fumo — *petin*

1. petin heté (semente trazida por Raimundo Alves).

algodão — *miniú*

1. miniú
2. minik heté (algodão verdadeiro)

ANEXO II

DIVISÃO DE TRABALHO ARTESANAL POR SEXO

feminino

<i>Algodão, fibra</i> vestimentas individual e das filhas rede de dormir p/toda a família linha p/outros usos faixa frontal	<i>Palha/talas</i> cestos p/farinha milho cesto-cargueiro abano esteira maracá (<i>arái</i>) (talas).	<i>Lagenária</i> cuiã porongo <i>barro</i> Pote panela tacho
---	--	--

masculino

<i>Madeira e outros</i> Arco e flechas pilão fuso ralo paxiuba colher de pau pau de cavar formão (cabo madeira e dente) cochos (bainha de folha de babaçu e açai)	<i>Palha e talas</i> patuá peneira (talas) esteira (eventualmente)	<i>Penas, sementes, tucum</i> colar semente e côco tucum (infantil) adornos plumários brinco de sementes e penas	<i>Osso</i> μ perfumador ponta de flecha
---	---	--	--

APÊNDICE I

A CULTURA MATERIAL DOS ÍNDIOS ARAWETÊ

*Indumentária e adornos corporais*a) *Tecidos e outros* (trabalho feminino, exceto 11, 12, 13, 14)

1. Saia-cinta (*tupã heté*) (uso fem.)
2. Saia (*tupã'in*) (uso fem.)
3. Tipóia (*ipotsi hã nehã*, ou *tupã ipotsinã*, ou *hadn moné hã*) (uso fem.)
4. Tubo-lenço (*dapité nehã* ou *datsi nehã*) (uso fem.)
5. Faixa frontal (*apipikã*) (uso principalmente masc.)
6. Aro trançado (*apipika pynatyn*) (uso masc.)
7. Jarreteira (*takurapy*) (uso fem.)
8. Tornozeleira (*iwikatihã*) (uso fem.)
9. Pulseira (*pã api*) (uso masc.)
10. Braçadeira (?) (uso masc.)
11. Pente (*tsiwa*) (em desuso)
12. Colar de sementes negras (*tsinã*) (uso fem.)
13. Colar infantil de sementes e coquinhos (*dzaiu morót* ?)
14. Brinco de sementes negras e flores de plumas (*namikã*) (uso masc. e fem)

b) *Adornos plumários* (trabalho e uso masculino, praticamente em desuso)

15. Aro trançado duplo p/ adorno plumário (*arapetyyn*)
16. Diadema horizontal, penas de arara (*aranawa*)
17. Adorno plumário costal, penas de gavião (*walô*)
18. Colar-apito c/ penas de gavião (*kanehé*)

*Utensílios domésticos e de trabalho*a) *Tecido — fio de algodão* (trabalho feminino)

19. Rede de dormir (*n'nhã*) (uso ambos os sexos)

b) *Trançado (tala e palha)* (trabalho feminino, exceto 19 e 22, ambos os sexos)

20. Abano para fogo de palha de babaçu (*tapekuã*) (uso ambos os sexos)
21. Cesto-cargueiro de palha de babaçu (*pehi*) (uso ambos os sexos)
22. Cesto-cargueiro de palha de babaçu, descartável (*pehi heté*) (uso ambos os sexos)
23. Cesto-estojiforme c/ tampa de palha de babaçu (*pa y'ã*) (uso masc.)
24. Cesto vasiforme de palha de babaçu (*iró*) (uso ambos os sexos)
25. Esteira de palha de babaçu (*tupé*) (uso ambos os sexos)
26. Peneira de talas de taquarinha (*iropem*) (uso ambos os sexos)

c) *Madeira e outras matérias primas* (trabalho masculino, exceto 28, 38, feminino)

27. Ralador de raiz de paxiuba (*pats'i*) (uso ambos os sexos)
28. Cuia de lagenária (*hui*) (de introdução recente) e silvestre (*murukuñã*) (uso ambos os sexos)
29. Pau de cavar (*ii'dá*) (uso ambos os sexos)
30. Pilão (*año'y-*) e mão de pilão (*amira'i*) (uso ambos os sexos)
31. Colher de pau (*ñapehen*) (uso ambos os sexos)
32. Formão c/ dente de cotia p/ alisar madeira (*paratsy*) e respectivo amolador (*tapatsé*) (uso masc.)
33. Fuso (*e'in*) (uso fem.)
34. Cocho de bainha da folha de babaçu (alongado) (*ipé heté*) (uso ambos os sexos)
35. Cocho de bainha da folha do açai (arredondado) (*ipé ararã*) (uso ambos os sexos)
36. Soveia (perfurador) de osso de macaco (*atsitsikin*) (uso masc.)
37. Tear de pecíolo da folha do babaçu (*pehemé*) (uso fem.)
38. Linha de algodão (*nymbá*) (uso fem. e masc.)
39. Corda de caroá (*krawã*) (uso fem. e masc.)
40. Armadilha de pesca (*harã*) (uso masc.)

d) *Cerâmica* (trabalho feminino)

41. Pote grande para água (*ĩña'ein ohó*) (uso ambos os sexos)
42. Pote de tamanho médio (*ĩña'ein idzivã meé*, ou *ip'i'ip'i*) (idem)
43. Tacho p/ torrar grão de milho e farinha de mandioca (*ñape'ein mōni*) (idem)
44. Panela para cozinhar (*ñape'ein*) (idem)

e) *Armas* (trabalho e uso masculinos)

45. Arco de pau d'arco (*irapã*)
 46. Flecha c/ ponta de taquara lanceolada (*o'í*) ponta (*taakun*)
 47. Flecha c/ ponta de madeira c/ farpas naturais p/ caça pequena (*o'í ivisi'i*)
 48. Flecha c/ ponta de madeira encastada c/ perfurador de osso de macaco guariba (*o'í atsitsikin*) (p/ caça grande)
 49. Flecha c/ ponta de madeira encastada c/ perfurador de osso de porco-domato (*o'í tadzã'y*)
- Outros* (trabalho masculino, exceto 50, de ambos os sexos)
50. Maracá (*arai*) (uso masc.)
 51. Machado de pedra encabado (*dzi heté*) (em desuso)
 52. Pau p/ fazer fogo (*tatai*) de urucu silvestre (em desuso)
 53. Agulha de crochê de osso de guariba (?) (uso fem.)

APÊNDICE II
NOMENCLATURA DE ABELHA E DE MARIMBONDO ENTRE OS ASURINI
E OS ARAWETÉ

Informante: Takamuin

Informantes: Uadmahu e Atiri'
kânyny

Asurini
Abelha

Araweté
Abelha

mel, termo genérico: *teapira*

1. ivâ'hô — chupé (cupim casa gde)
2. ivâ'hí — jataí (abelha pequenini-nha)
3. ivaw'tsinga (abelha *arapoá*, *branca*)
4. eirecté (abelha amarelinha)
5. dzawetsipitã (abelha preta)
6. dzakudzuru (abelha amarela)
7. dzakuiri (abelha preta)
8. mbydzu'hí (abelha preta)
9. heimomboka (abelha preta)
10. heipituwa (abelha amarela)
11. dzutaikeira (abelha amarela)
12. dzuruwaihíra (abelha preta)
13. kurutu'í (abelha amarela)
14. mabygaipokô (abelha amarela gde. "doméstica")
15. dzate'í (abelha amarela pequenini-nha)
16. hai'apein (abelha amarela pequenini-nha)
17. kurutu (abelha amarela pequenini-nha)

Marimbondo

termo genérico: *kava*

1. kavunu'hu (preto, dói demais)
2. kavive'eme (preto, dói demais)
3. kavavadzuva (amarelo)
4. kavavadzuví (amarelo)
5. taturyna (azul)
6. tarurutsinga (branca)
7. kavio'í (preto)
8. tapiokava ("valente demais")

mel, termo genérico: *tiapf*

1. ivâho heté
2. ivãno'opo'yn
3. ivã'hatsin
4. edŷ
5. é'dpe
6. iana'é
7. eretã
8. hasiñe'e
9. upa'ê
10. katsi'é
11. tatyn'é
12. pyryn
13. iruvã'é
14. arapuã'ha'é
15. akutsi'é
16. dzaku'é
17. aiapi'yn
18. iva'hy
19. dyti'é

Marimbondo

termo genérico: *kân*

1. iatsy'é
2. ivi'é
3. adzikarã'hy
4. iato'ie
5. murã'né
6. arapuã'dzé
7. kupina'é
8. dyti'é

9. kavohó (casa dele gde.)
10. takuñatsin (branco)
11. kavava (casa debaixo da folha)
12. urukurea'kava (preto)
13. kavapoví (preto)
14. tekaraíva (branco)
15. tekaraká'ñuña (branco)
16. uruperinu (casa igual chapéu —
"marimbondo do chapéu")
17. kava'peatin (preto)
18. ñukáwa (amarelinha)

NOTAS

(1) — "Tribes of the lower and middle Xingu river". *Handbook of South American Indians*, vol. III:213/243.

(2) — Cerca de 30 famílias Xipaia e Kuruaia estão obtendo terras do INCRA, através da FUNAI. Entre elas ainda se encontram alguns Jurúna, como Fortunato que deseja unir-se à sua tribo no PNx. (inf. do Jurúna Lahoseá, participante da F.A. Araras).

(3) — Não obstante desconhecer-se, até agora, a auto-designação dos "Araweté", usamos esse etnônimo para nomeá-lo, porque é o oficialmente aceito pela FUNAI.

(4) — Cf. Expedito Arnaud, 1978 — "Notícia sobre os índios Araweté, rio Xingu, Pará". *Boletim Museu Goeldi* nº 71, p. 16.

(5) — Ver Relatório Médico. Dr. Frederico F. Ribeiro, Junho/81.

(6) — Eduardo Viveiros de Castro. Relatório de trabalho de campo (março/agosto 1981) ao CNPq (datil.) Rio de Janeiro.

(7) — Sua experiência entre os Araweté se deu entre 25/5/76 e 6/6/76; 4/9/1976 e 15/1/77; 17/3/77 e 4/7/77 e 15/9/77 e 17/11/77.

(8) — João Carvalho supõe que sejam os Parakanã do Ig. Cajazeiras. Fundamenta essa hipótese pelo "jeito como foi enfiado o colar de miçangas que Marupai'hí trazia". (Diário 22/12/76). O nome certo de Marupai'hí é Madpai'hí.

(9) — Takamuin informa que se trata de um adulto, Maiowara, pego ainda no rio Bacajá. Casou-se com uma Asuriní e teve três filhos, um dos quais, Morera, que conheci no P.I. Koatinemo.

(10) — Houve controvérsia entre vários informantes quanto à tribo causadora da morte, por isso não foram especificadas.

(11) — Deixamos de ir à aldeia araweté nessa época, conforme planejado, por encontrarem-se os índios dela afastados, em expedição de caça e coleta, aguardando o amadurecimento do cereal que constitui a base de sua alimentação.

(12) — Uma dessas macaxeiras, de casca branca, muito fina é chamada *fokiga* pelos Asuriní, e parece ser desconhecida dos brancos, sendo, portanto, remanescente da antiga roça dos Asuriní no Ig. Ipixuna. A de casca preta, idêntica ao nosso aipim, é chamada *ivytygi* nessa língua. (Inf. de Takanuin).

(13) — Semente trazida por Raimundo Alves.

(14) — Da família das bromeliáceas (*Neoglaziovia variegata*), de cujas fibras se faz corda para arco e para amarrilhos.

(15) — Informação de Takanuin (que permaneceu dois meses — setembro-outubro — entre os Araweté, em 1980) e dos funcionários do Posto.

(16) — O *kân'idá* preparado em maio por Iribupai'hú e sua mulher, Iribupai'hí e que acabou sendo posto fora porque a preparadora abortou no dia da festa, ficou armazenado em 31 panelas. Calculando-se uma média de 5 litros por panela teríamos 150 litros de bebida, em cujo preparo teriam sido empregados cerca de 50 quilos de milho.

(17) — Cabe esclarecer que fui sempre à roça com mulheres e crianças. Uma única vez acompanhei um casal.

(18) — Ultimamente, com a introdução de anzóis e linha de nylon, crianças de ambos os sexos passaram a pescar, contribuindo, às vezes, substancialmente para a alimentação da família.

(19) — Ver nota 16, *RAA*.

(20) — Conseguimos filmar a produção do fogo por dois garotos. O encabamento de dois machados de pedra encontrados na aldeia não pôde ser sequer fotografado, porque o respectivo artesão (Arari kâninĩ, nos fez entender que não poderíamos presenciar o seu trabalho. O machado (*dzi-heté* = machado verdadeiro) é, segundo ele, obra de Mai, o criador dos Araweté.

(21) — O barro adequado só pode ser obtido em excursões que levariam 10 dias de viagem ida e volta. É trazido pelos homens, sendo que os solteiros também o manipulam. (Informação de Eliezer Gomes da Silva, encarregado do P.I. Ipixuna).

(22) — A casa (araweté) tradicional, feita para abrigar uma família média de pais e três filhos, mede: 3,70 de altura, 4 m de largura e 10 m de comprimento. A porta, minúscula, mede: 40 cms de largura por 1,30 de altura. Casas construídas por meninos de 12 anos para cima, para seu uso, medem: 1,90 de largura, 1,78 de altura e 3,80 de comprimento. A porta mede: 60 cms de altura por 25 de largura.

(23) — O *ipé heté* de babaçu mais longo que encontramos mede 98 cms de comprimento por 45 de largura e 12 e 8 de altura (um e outro lado). o *ipé ararú* arredondado comum mede: 56 de comprimento por 48 de largura e 4/14 cms de altura num e outro lado.

(24) — Outra designação para a tipóia é *tupã iputsinã* (roupa para o peito). *Tupã* é a designação genérica para roupa, seja a autóctone ou a nossa.

(25) — Anotamos uma outra designação para essa peça: *datsi nehã* — “aquilo que está na cabeça”, na tradução de E. Viveiros de Castro (inform. pes.).

(26) — Essa informação nos foi dada por funcionários do Posto. Pessoalmente, observamos essa deformação uma única vez em mulher adulta. O mesmo recato foi observado em relação aos seios, extremamente pequenos, em duas mulheres nuligestas.

(27) — Madpai'hí, ao retornar à aldeia depois de ter sido raptada pelos Parakanã, gritou de longe para que as mulheres lhe trouxessem uma saia, uma vez que as suas haviam ficado com os raptadores.

(28) — As mulheres Kaxináwa usam uma saia mais longa sobre uma saia interna e às vezes uma tipóia para carregar crianças. Cf. Helen Tanner — “Cashinahua weaving” in: *The Cashinahua of Eastern Peru*. 1975, The Haffenreffer Museum of Anthropology, Brown University, vol. I.

(29) — O levantamento das coleções de artefatos tecidos do Museu Nacional e Museu do Índio revelou o uso de saias pelos Guajajara, Guajá e Emerillon (grupo tupi); Piresí e Ipurinã (grupos aruak). Métraux (1928 tabelas 5, 6, 9) assinala o uso de peças de vestuário (saias, xiripás, tanga, camisas, cintos e protetores dos órgãos sexuais) entre 17 grupos tupi-guarani.

(30) — A rede comum mede: 1,60 m de comprimento por 2,30 de largura. Encontrei uma excepcionalmente larga: 4,10 por 1,67 de comprimento; outra de aproximadamente o mesmo comprimento e 3,25 de largura. É de se salientar que os Araweté são de modo geral baixos: 1,60 é a altura média do homem e 1,45 a 1,50 a da mulher.

(31) — Cf. Junius B. Bird — “Héta Weaving” in: *The Héta Indians: fish in a dry pond*. Vladimir Kozák, David Baxter, Laila Williamson & Robert L. Carneiro,

vol. 55, part 6 *Anthropological Papers of The American Museum of Natural History*, N. York, 1979.

(32) — Informação pessoal de Lucia Hussak van Velthen quanto aos Wayana-Aparai. Segundo Erland Nordenskiöld, o algodão deve ter-se propagado à América do Sul através das migrações dos Karib e dos Tupi-Guarani. Cf. "The American Indian as an inventor" in: *Source book in anthropology*, A. L. Kroeber (ed.) 1931: 493).

(33) — Helen Tanner, *op. cit.*: 111 a 114.

(34) — Essa afirmativa pode ser generalizada no caso dos grupos tupi por mim estudados (Jurúna, Kayabí Assuriní e Araweté) e dos Kaxináwa do Perú estudados por Kenneth M. Kensinger (Ver Helen Tanner, 1975 loc. cit.). Não se aplica aos Txikão em que o homem trabalha o algodão, fiado pela mulher, na confecção de um manto cerimonial (Cf. Berta G. Ribeiro — *Artes Têxteis Indígenas. Relatório da Visagem ao Alto Xingu*, nov. 1980/jan. 1981).

(35) — Designo "almofada" o floco de algodão depois de descaroçado e aberto em forma de disco. Vários desses discos são unidos para formar a almofada.

(36) — Chamo "tirada" a tripa de floco de algodão extraída a partir da borda da almofada, espichada cuidadosamente para homogeneizar a fibra e evitar a formação de nódulos no ato de torção da "tirada" com o fuso para produzir o fio.

(37) — 25% entre os Asuriní.

(38) — A propósito, nada mais eloqüente do que a declaração feita pelo líder indígena Mário Terena na 33a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência realizada em Salvador. Diz Mário Terena: "Não somos contra a FUNAI, achamos até que deveria haver um relacionamento filial entre ela e nós. Mas recusamos um paternalismo exagerado por parte da FUNAI porque se existe um pai muito paternal, também existe um pai democrata, que em vez de dar o peixe, ensina a pescar". (*Jornal do Brasil*, 12/7/1981).

(39) — Atualmente, apenas as crianças entre 5 e 15 anos, que vivem na aldeia mais próxima do Posto, entendem e falam um pouco de português. Segundo informação de E. Viveiros de Castro (novembro 1982), todos os moradores da segunda aldeia (distante 800 metros da primeira) transferiram-se para junto do P.I. Ipixuna.



Foto 1 — Grupo de índios Araweté atravessando uma ponte sobre o igarapé Ipixuna frente à 2ª aldeia.



Foto 2 — Menino socando milho debulhado no pilão (*añõ'yn*).



Foto 3 — Mulher e filha torrando grãos de milho no tacho de cerâmica (*ñape'hein*). Ao lado, um cocho de bainha de açáí (*ipé ararã*) com milho cru.



Foto 4 — Moinaru, tangendo o maracá, antes de iniciar a "benção" do cauim de milho (*kân*).



Foto 5 — Moinaru, ao terminar o rito, entra na sua casa cantando e tangendo o maracá (*arái*). Sua mulher, Madpai'hi, que esteve prisioneira dos Parakanã o observa. Reparem-se a largura da tipóia e o comprimento da saia.



Foto 6 — Meanõ consertando um aro trançado duplo (*arapetyñ*) para adorno plumário. À sua frente, o patua (*paty'ã*) onde guarda penas e outros objetos preciosos. Repare-se o tamanho diminuto da porta e a vestimenta feminina.



Foto 7 — Moinaru preparando flecha. Repare-se a esteira de folha de babaçu com a respectiva nervura (*tupé*), também usada para a vedação de portas e paredes na casa do tipo tradicional, e a parede de taipa, nas casas que vêm sendo construídas pelos Araweté.



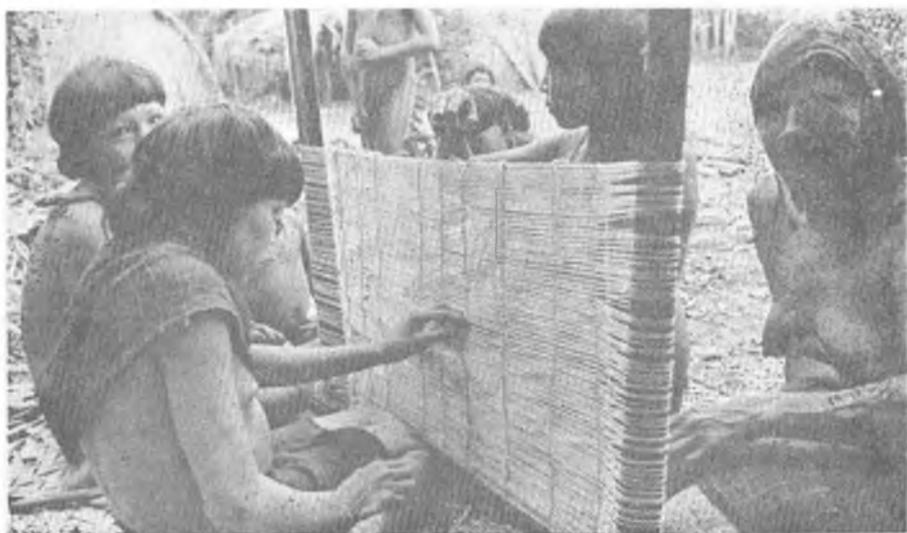
Foto 8 — Manémeidô com a filhinha de dois anos e meio, Manemeitipihã.



Foto 9 — As técnicas de fiação asuriní e araweté. Pemeří, índia Asuriní, enrolando o fio, depois de torcido, no fuso. Note-se que a tirada é grossa, devendo a linha ser posteriormente destorcida de novo. O fuso é mais curto e o modo de bobiná-lo é distinto do modo com que as mulheres Araweté o fazem.



Foto 10 — Morehã katu, índia Araweté, fiando. A tirada é mais fina, cuidadosamente espichada, por isso a fiação é feita de uma só vez. Ao lado, num cocho (*ipé heté*), novelos já prontos.



Fotos 11/12 — Compare-se a rede de tecido entretorcido espaçado dos Araweté (*ñi'hã*) (foto ao alto), também presente entre os Asuriní, com o tecido compacto, obtido pela mesma técnica por estes últimos na rede *tupapetuna* (foto de baixo). Para realçar os desenhos emprega-se fio de duas cores.



Foto 13 — Tautibehí, mulher de Kānin'pachu tendo ao colo a filha de ambos, Potsihé. A seu lado, Dziahamá com a tipóia cobrindo os seios e um *datsi nehā* (tubo-lenço na cabeça).